DESAFIOS DA CADEIA DE PECUÁRIA NO BRASIL

TALITA PRISCILA PINTO[1], CICERO ZANETTI DE LIMA[2], SABRINA MATOS[3]

No Brasil, métricas como "cabeças por hectare" são comumente utilizadas para medir a produtividade do segmento. No entanto, essa unidade de medida desconsidera o efeito do desempenho animal (quantidade de carne por animal), estando, portanto, em desacordo com a literatura científica. Além disso, a dinâmica da cadeia produtiva dificulta a rastreabilidade, que permitiria que essas medidas fossem feitas de forma mais precisa em larga escala. Os consumidores no mercado interno, em sua maioria, apresentam um nível mais baixo de renda e pouca disposição para pagar mais em função da qualidade e da origem da carne, o que gera um desestímulo ao uso de instrumentos de monitoramento e rastreabilidade.

A DISPONIBILIDADE de terras agricultáveis e as condições climáticas deram ao País uma vantagem comparativa em relação aos demais países exportadores de carne bovina. O Brasil, atualmente, é o maior exportador e o segundo maior produtor global de carne bovina. Apesar do crescimento notável, o desempenho da produção está à sombra da remanescente baixa produtividade de algumas regiões do Brasil, da dificuldade socioeconômica dos menores produtores e de externalidades negativas como emissões de gases do efeito estufa, desmatamento e perda de biodiversidade.

A importância do desempenho animal tem crescido nessas últimas décadas. No período de maior crescimento de produtividade da pecuária brasileira, entre 1996 e 2006 – crescimento de 6,6% ao ano –, o ganho no desempenho animal (quantidade de carne produzida por animal) explica dois terços da variação na produtividade. Portanto, apenas um terço da variação da produtividade é resultante da taxa de lotação.

Essa taxa (isto é, a capacidade de suporte) apresentou um crescimento importante entre 2017 e 2022, passando de 1,41 cabeça por hectare para 1,52 cabeça por hectare (+7,8%). Esse resultado deve-se ao crescimento do rebanho associado à redução total das áreas de pastagem. O processo de recuperação de pastagens degradadas garante uma maior taxa de lotação em áreas recuperadas.

Já o segundo componente da produtividade, o desempenho animal, é bastante heterogêneo nos estados brasileiros. Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo apresentaram, em 2022, um desempenho cerca de 12% maior do que o de algumas regiões dos biomas Amazônia e Cerrado, por exemplo.

Assim como a taxa de lotação, o desempenho animal também vem apresentando um crescimento importante, fruto do melhor manejo e de técnicas de produção que permitem abater os animais em um menor intervalo de tempo e com mais peso.

PERFIL DA PRODUTIVIDADE DOS SISTEMAS

O produto entre taxa de lotação e desempenho animal representa a produtividade da pecuária em pastagem, medida em quilos de equivalente-carcaça por hectare (kg/ha) ou arrobas por hectare ao ano (@/ha/ano). Entre 2017 e 2022, a produtividade nos municípios brasileiros vem crescendo, entretanto de modo assimétrico, isto é, os municípios com maior produtividade estão distanciando-se daqueles com menor produtividade. O que acontece é que o sul do Sudeste e o Paraná – as regiões mais produtivas – concentram a maior parcela da última etapa de produção, a terminação em confinamento.

Esse panorama de produção deve ser observado sob a ótica da atividade de pecuária nos seus diferentes ciclos de produção. As cadeias de fornecimento de pecuária de corte no Brasil constituem-se em complexas redes de atores, que cobrem vários segmentos e combinações das três fases de produção primária: cria, recria e engorda.

"O produto entre taxa de lotação e desempenho animal representa a produtividade da pecuária em pastagem, medida em quilos de equivalente-carcaça por hectare (kg/ha) ou arrobas por hectare ao ano (@/ha/ano)."

A produtividade do ciclo produtivo de cria, por exemplo, é consideravelmente mais baixa quando comparada aos outros ciclos – recria e/ou engorda. Cada ciclo de produção possui características diferentes quanto

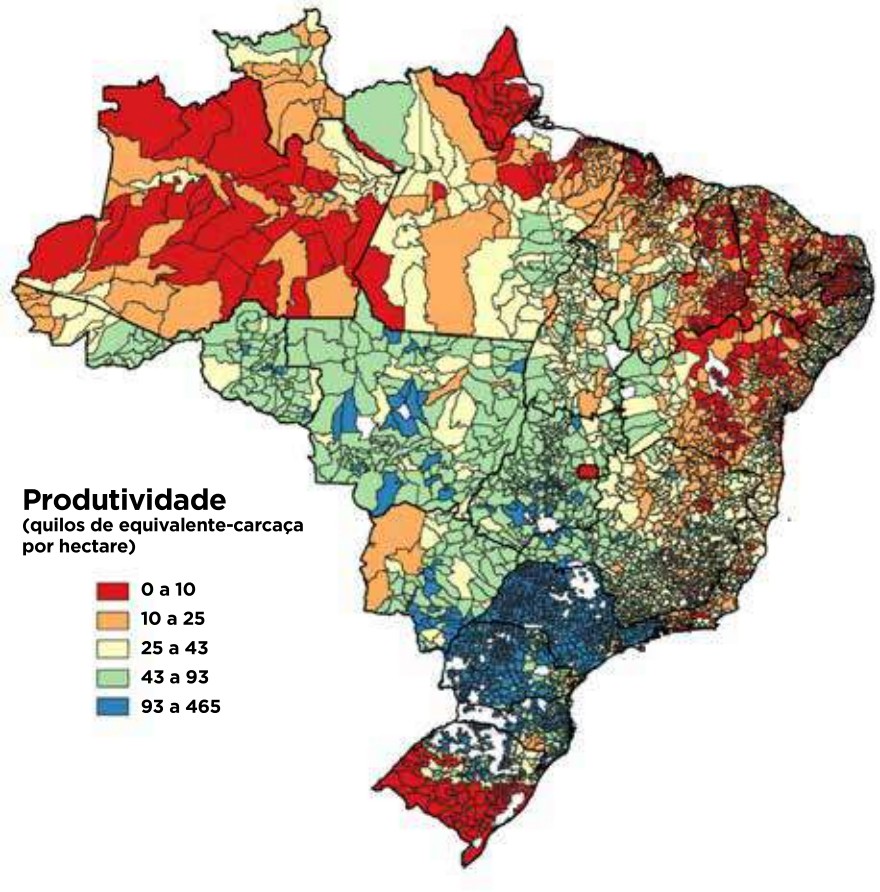
à apuração de resultados técnicos e financeiros/econômicos.

No primeiro ciclo (cria), há uma maior imobilização do capital em animais reprodutores, imobilizando, assim, o estoque nas pastagens. Os sistemas de recria e/ou engorda possuem um maior capital de giro, e o resultado é uma maior produtividade, pois o objetivo é o ganho de peso e terminação do animal. Os dados do ciclo completo, isto é, daquele pecuarista que faz cria, recria e engorda, mostram que, entre 2014 e 2021, a produtividade aumentou cerca de 22%, passando de 129 kg/ha/ano para 158 kg/ha/ano.

A relação entre a produtividade da pecuária e a produção com sustentabilidade passa por ganhos de produtividade oriundos de avanços tecnológicos. A maior produtividade impacta diretamente a dinâmica de toda a cadeia produtiva de carne no Brasil. A transição tecnológica é possível com a adoção de boas práticas, técnicas de manejo do rebanho, investimento em rastreabilidade e monitoramento, ao mesmo tempo em que garante uma cadeia de produção livre de desmatamento. Entender a complexidade da cadeia de pecuária e o papel dos fornecedores diretos e indiretos do rebanho é fundamental para uma implementação bem-sucedida de boas práticas agrícolas.

BRASIL: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA PRODUTIVIDADE A PASTO PARA 2022 (QUILOS DE EQUIVALENTE-CARCAÇA POR HECTARE)

Ao se observar a distribuição espacial da produtividade a pasto no Brasil, percebe-se que o sul do Sudeste e o Paraná são as localidades mais produtivas, justamente onde está concentrada a maior parcela da última etapa de produção (terminação).



Fonte: IBGE

DESAFIO PARA A RASTREABILIDADE

A produção bovina pode envolver várias propriedades rurais, entre o nascimento, engorda e abate, levando a diferentes níveis de transparência e visibilidade. Um mesmo produtor pode concentrar um ou mais estágios de produção, permitindo, deste modo, que um mesmo animal possa passar por diversas propriedades e intermediários até ser destinado ao frigorífico. Como resultado, os frigoríficos alcançam somente aquelas informações disponibilizadas pelos fornecedores diretos (última propriedade pela qual o animal passou), geralmente envolvidos no estágio final do ciclo de vida do animal – a engorda.

No mapa, pode-se observar a distribuição espacial da produtividade a pasto no Brasil, indicando que o sul do Sudeste e o Paraná são mais produtivos. O que ocorre é que, nessas regiões, está concentrada a maior parcela da última etapa da produção, a terminação em confinamento.

Outros fatores também representam desafios para o fortalecimento dos instrumentos de monitoramento e rastreabilidade. Entre esses fatores, podem ser ressaltados os custos de implantação desses sistemas, que variam substancialmente em função da dimensão da propriedade, da quantidade de animais, do grau de aversão e do perfil do pecuarista quanto à adoção de tecnologias. De acordo com especialistas, o custo médio para implantação inclui gastos com identificadores de animais, rastreabilidade, certificação e relatórios de inspeção. Portanto, o processo de certificação, por si só, também se constitui em um desafio, uma vez que nem todos os pecuaristas dispõem de recursos para arcar com esses custos. Além disso, faltam linhas de crédito ou subsídios voltados para ampliar a utilização desses instrumentos.

Adicionalmente, a ausência de assistência técnica e extensão rural é um fator limitante para promover a ampliação da adoção de ferramentas de rastreabilidade. Além de permitir que os produtores conheçam os benefícios técnicos e econômicos desse sistema, a assistência técnica é capaz de viabilizar a adoção de boas práticas agropecuárias e a melhor gestão da propriedade, gerando ganhos de produtividade e, ao mesmo tempo, elevando a sustentabilidade produtiva.

A dificuldade de implementação de ferramentas de monitoramento e rastreabilidade é um dos aspectos de um problema maior, que é a carência de informações públicas centralizadas e uniformizadas, necessárias para permitir o controle do fluxo de animais na cadeia produtiva. A inexistência de uma base de dados comum aumenta a assimetria de informações entre os elos da cadeia e reduz a efetividade de medidas de controle que tenham como objetivo a sistematização do monitoramento do desmatamento, bem como a obtenção de informações sobre a regularização fundiária, a ocorrência de trabalho escravo, a invasão de Unidades de Conservação (UCs) e Terras Indígenas (TIs) etc.

Cabe destacar que a ausência de informações conjuntas sobre o fluxo dos animais ao longo da cadeia produtiva e, também, sobre indicadores zootécnicos e manejo das propriedades é um reflexo da inexistência de um sistema único de rastreabilidade no Brasil. Essa condição tem implicações sobre a coordenação da cadeia produtiva, resultando na dispersão dos agentes envolvidos e, consequentemente, na dispersão das políticas e das iniciativas desenvolvidas com a finalidade de possibilitar o monitoramento e a rastreabilidade. Ademais, a descoordenação dificulta ainda mais a avaliação das contribuições ambientais e climáticas das ferramentas utilizadas, impossibilitando a análise de riscos e a obtenção de financiamentos.

"A dificuldade de implementação de ferramentas de monitoramento e rastreabilidade é um dos aspectos de um problema maior, que é a carência de informações públicas centralizadas e uniformizadas, necessárias para permitir o controle do fluxo de animais na cadeia produtiva."

Por fim, a dinâmica de consumo do mercado interno é caracterizada por consumidores que, em sua maioria, apresentam um nível mais baixo de renda e pouca disposição para pagar um diferencial de preço em função da qualidade e da origem da carne. Considerando a baixa exigência quanto aos padrões de sustentabilidade e qualidade no cenário interno, há um desestímulo ao uso de instrumentos de monitoramento e rastreabilidade. ■

IMPORTÂNCIA DA PECUÁRIA

A cadeia de pecuária de corte está presente nas cinco regiões brasileiras e é um importante vetor de geração de emprego e renda e de inserção internacional dessas regiões via comércio internacional de carne bovina. O Brasil possui o maior rebanho com objetivo comercial do mundo. São cerca de 234 milhões de cabeças, que ocupam uma área de aproximadamente 158,4 milhões de hectares de pastagens.

A cadeia produtiva de pecuária – insumos, pecuária, indústria e serviços – representa cerca de 7,0% do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil. Além disso, a carne bovina ocupa a segunda posição no *ranking* de exportações do agronegócio brasileiro, respondendo por 7,0% de toda a pauta exportadora nacional e 16,5% (US$ 19,9 bilhões) do valor comercializado pelo agronegócio, ficando atrás somente do complexo soja.



SHUTTERSTOCK

1Pesquisadora do Observatório de Conhecimento e Inovação em Bioeconomia da Fundação Getulio Vargas (OCBio/FGV) – talita.pinto@fgv.br

2Pesquisador do OCBio/FGV – cicero.lima@fgv.br

3Pesquisadora do OCBio/FGV – sabrina.carlos@fgv.br